

FESTAS E RITUAIS DE UM POVO SERTANEJO: VIVENDO E CELEBRANDO EM CARNAÚBA DOS DANTAS¹

Maria José Macedo
Bacharela em Ciências Administrativas - UFRN

Resumo

Neste texto relembremos as celebrações que marcaram a vida dos carnaubenses, no decorrer do século XX, e, ao mesmo tempo, apontamos as alterações sofridas por aquelas que ainda existem. Primeiramente, abordaremos alguns aspectos conceituais de “celebrações” para, só então, apontarmos a sua presença na vida do carnaubense quanto à religiosidade (católica e evangélica), ao trabalho e ao entretenimento. O conteúdo que apresentaremos adiante se fundamenta em informações bibliográficas ou na tradição oral colhida a partir de entrevistas realizadas em Carnaúba dos Dantas com pessoas, principalmente idosas, que têm em suas memórias relatos de vida relacionados com o nosso tema em estudo, festas e celebrações. Utilizaremos também de algumas imagens para possibilitar uma melhor compreensão de alguns fatos aqui mencionados.

Palavras-chave

Carnaúba dos Dantas, Festas, Celebrações

1. Introdução

¹ Artigo produzido quando da nossa participação na qualidade de Pesquisadora de Nível Superior no Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* – PRONAC 043906, financiado pela PETROBRAS e coordenado por Helder Alexandre Medeiros de Macedo.

Se observarmos, perceberemos que os homens criam ritos para todas as fases de sua existência, procuram em objetos, cores, cerimônias e até na própria mente, formas de preencher as lacunas da vida como manifestos folclóricos. Essas manifestações – que normalmente são transferidas de geração para geração e são seguidas tal e qual ou sofrem adaptações conforme o modo de vida desses descendentes – acabam por identificar um povo. Todavia, com o passar dos anos, esses rituais tendem ao esquecimento, caso não sejam registrados, uma vez que são de natureza imaterial. Foi essa preocupação que levou o governo de Fernando Henrique Cardoso a estabelecer o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que oficializa e orienta a preservação de bens tidos como imateriais, através de livros de registro. Entre esses livros destacamos o de Registro das Celebrações, em cujo livro “serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”;² desde que atendam aos critérios determinados pelo mencionado Decreto. O conceito de celebração comumente é entendido como “dizer missas”, mas o seu significado não se reduz a isso, celebrar é “(...) publicar com louvor; exaltar com ironia; acolher com festejos, comentários, demonstrações ruidosas (...)”³; enfim, são realizações que envolvem um grupo de pessoas no intuito de comemorar, solidarizar-se ou compartilhar algum acontecimento, de forma a não deixá-lo passar despercebido.

Nesse contexto, o conceito de celebrações tanto abrange os ritos como as festas. Ritos são “modificações sociais que chamamos de ‘rituais’ ou ‘extraordinárias’, e se constituem, às vezes, nos pólos privilegiados de mudanças sociais duradouras e historicamente importantes”⁴. Enquanto que festa é um “(...) excesso permitido, ou

² Decreto Presidencial nº 3.551, de 04 de ago. 2000.

³ FERREIRA, 197_, não pag.

⁴ DA MATTA, 2000, 41 p.

melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição”⁵. Em certos momentos, a relação entre festa e ritual é estreita, chegando esses elementos a serem tratados quase como sinônimos, quando se diz que “a festa é ritual, divertimento, mas também modo de ação e resistência. Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios e recria, no presente, os sentidos históricos de sua existência”⁶. Porém, o sentido de festa torna-se mais “amplo” que os rituais, quando esses se referem àqueles praticados no nosso cotidiano. Nesse caso, é possível que uma festa abranja vários desses rituais.

Durante uma festa os indivíduos esquecem um pouco as regras cultivadas pela sociedade e sentem-se mais livres, buscando as mais variadas formas de divertimento, afinal

(...) o divertimento (pressuposto da festa), (sic) é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência não tendo, a princípio, qualquer “utilidade”. No entanto a humanidade precisa da “vida séria” pois sabe que sem ela a vida em sociedade se tornaria impossível. Disto resulta que a festa deixa de ser “inútil” e passa a ter uma “função”, pois ao fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos voltariam à “vida séria” com mais coragem e disposição. A festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de “energia”, de disposição para continuar. Ou pela resignação, ao perceber que o caos se instauraria sem regras sociais, ou pela esperança de que um dia, finalmente, o mundo será mais livre (...) das amarras que as regras sociais impõem aos indivíduos⁷.

As festas podem ser de caráter religioso ou sagrado e de cunho profano. O primeiro caso, como os próprios nomes já sugerem, refere-se a cerimônias realizadas em homenagem a uma ou mais divindades. Enquanto que o segundo, diz respeito a eventos que podem proporcionar a alegria, o divertimento, mas, ao mesmo tempo, podem criar situações que dêem espaço a coisas que fogem de doutrinas religiosas.

⁵ Freud *apud* Amaral, 1998, não pag.

⁶ AMARAL, 2001, não pag.

⁷ AMARAL, 1998, não pag.

“As festas, com grande probidade, surgiram de rituais religiosos”⁸ e foram “(...) importantes elementos nas relações entre os diferentes povos que colonizaram o Brasil, pois nelas todos se juntavam para desfrutar a alegria, a música (...)”⁹. Contudo, não tentaremos separar as cerimônias sagradas das profanas, pois sabemos que essa é uma tarefa árdua, “porque uma está dentro da outra”¹⁰.

Existem ainda as festas móveis e as imóveis. As primeiras dizem respeito àqueles festejos que tem uma data fixa no calendário, tais como São João, Natal e ano novo. Enquanto que as segundas consistem naqueles eventos que acontecem todo ano, cuja data comemorativa varia, por exemplo, a quaresma e o carnaval.

2. Ritos, Festas e Celebrações: a dialética das religiões

Entre os cristãos, a religião mostra-se presente no centro da vida daqueles que a seguem fielmente acreditando que em troca obterão a salvação de seus espíritos e, conseqüentemente, uma vida eterna no paraíso celestial. Essa noção de troca é uma das particularidades que podemos subentender no significado de religião já que, segundo o antropólogo Roberto Da Matta, essa palavra “(...) vem do latim e tem, no sentido original, a idéia de laço, aliança, pacto, contrato e relação que deve nortear os elos entre deuses e homens e, por isso mesmo, dos homens entre si”¹¹. O homem precisa participar de ritos religiosos para se sentir espiritualmente fortalecido, mas, ao mesmo tempo, necessita do divertimento para distrair-se um pouco das exigências de sua vida séria. O atendimento a essa necessidade pode se dar através de ritos festivos. O professor de Ciências Sociais Orivaldo Pimentel Lopes Júnior¹² trata a

⁸ LOPES JR., 1983, 33 p.

⁹ AMARAL, 2001, não pag.

¹⁰ AMARAL, 1998, não pag.

¹¹ Conforme Roberto Da Matta, “O que faz o Brasil, Brasil?” (2001. p. 113).

¹² LOPES JR, 1999.

relação entre a religião e os ritos festivos que o homem vincula a ela como fim e finalidade. Para ele, a religião é o caminho para a salvação que o homem pretende alcançar no “fim” de sua vida, enquanto que as festividades se relacionam com a sua constante “finalidade” de vida que é a alegria. Desse modo,

(...) [a] religião não seria ela mesma se não deixasse algum espaço para as livres combinações do pensamento e da atividade; ao jogo, à arte, a tudo o que recria o espírito cansado por aquilo que já há de demasiado pesado no labor cotidiano: as próprias causas que a trouxeram à existência determinam esta necessidade.¹³

As diferentes denominações religiosas distinguem-se não apenas quanto à forma como desenvolvem seus ritos religiosos, mas na maneira de festejar, como veremos.

2.1. Celebrações da Religião Católica Romana e eventos a elas associados

A religião católica romana foi implantada no Brasil pelos portugueses, desde o início de sua ocupação. Considerável parte da religiosidade popular conservada no Brasil até os dias atuais consiste numa marca deixada pelos portugueses durante o Período Colonial. Inserem-se, nesse contexto, as procissões, bênçãos do Santíssimo Sacramento, romarias, santas missões, a veneração a imagens, novena e tríduo dedicados a santos.

É notável o apego que os sertanejos católicos têm por seus santos protetores quando se sentem desprotegidos ou necessitados de algo. Até nas suas formas de expressão ele deixa revelar a forte influência da religiosidade popular em sua vida, pois é comum ouvirmos: “Viche Maria!” (referindo-se a “Virgem Maria”), “ai meu Deus!”, “vala minha Nossa Senhora!”, “credo em cruz!”. Essa relação entre o sertanejo e sua religiosidade pode ser resumida nas seguintes palavras da

¹³ DURKHEIM *apud* LOPES JR, 1999, p. 36.

antropóloga Julie Cavignac: “(...) a religião está no centro da vida cotidiana dos habitantes do sertão, configurando-se como uma das mais importantes vias de acesso à realidade sócio-cultural do Nordeste brasileiro”¹⁴.

Em Carnaúba dos Dantas essa religiosidade era (e ainda é) vivida pelas pessoas não só em espaços religiosos, mas também em seus lares, através dos atos individuais ou em grupo.

2.2. Ritos domiciliares voltados à oração

Os pais ensinavam (e ensinam) a seus filhos o costume de rezar e pedir-lhes a bênção ao deitar-se e levantar-se. Em Acari, cidade vizinha a Carnaúba dos Dantas, nas palavras do memorialista Bianor Medeiros, “(...) era comum em todos os lares, dos sítios ou da cidade, as orações na hora do recolhimento, ante os oratórios ou, onde não os havia, em lugar escolhido pelos pais, sendo, porém a mãe a responsável pelo ensinamento das preces”¹⁵. Em Carnaúba dos Dantas isso também se repetia, como podemos ver através do depoimento de D. Naninha Lucas: “Ela [sua mãe] tinha um oratório, que hoje eu ainda tenho ele aí, foi papai que deu de presente a ela em 1904. Ela abria o oratório e ia ensinar a gente a rezar”¹⁶. Os pequenos oratórios se achavam presente em boa parte das residências de famílias católicas, o compartimento onde ele ficava se constituía no canto de oração da família, incluindo as crianças. Sobre o surgimento desses oratórios, o antropólogo Luiz Mott conta que, no Brasil colonial, os membros mais nobres da elite branca construíam pequenas

¹⁴ CAVIGNAC *apud* DANTAS, 2002, p. 06.

¹⁵ MEDEIROS, 1986, p. 32.

¹⁶ Depoimento concedido por Ana Lucas Dantas, aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, (uma das narradoras mais idosas, 94 anos), no dia 02 de fev. 2005.

capelas¹⁷ – também designadas de oratórios - em locais próximos a suas residências, dentro das quais cumpriam suas obrigações religiosas longe do contato com fiéis de outras raças ou de “estratos inferiores” da ainda restrita população. A troca dos espaços religiosos públicos por um particular, segundo o antropólogo, era também uma forma de proteger a “pureza e honestidade das mulheres das famílias de respeito”¹⁸, evitando que essas “nem sempre circunspectas donzelas ou matronas¹⁹” recebessem bilhetes, olhares indiscretos ou toques maliciosos em seus corpos. Continuando Luiz Mott afirma que os pequenos oratórios surgiram também no período colonial, medindo de um a dois palmos de altura e reproduzindo a estrutura de altares de igrejas barrocas, essas peças eram uma espécie de relicário onde se conservavam símbolos da devoção de quem os possuía. Dessa maneira, compreendemos que uma das ligações entre esses oratórios (grandes e pequenos) era a prática da oração domiciliar, além do fato de unir uma família em oração. Com o passar dos tempos, muitas famílias católicas adquiriam o pequeno oratório para a oração domiciliar. Os pequenos oratórios eram compostos pela imagem do Senhor crucificado, por várias imagens de santo (de devoção da família e santos casamenteiros), alguns ainda continham terços ou rosários, medalhinhas de santos, escapulários, cordão de São Francisco e folhetos com orações. Esses símbolos que representam ou fazem alusão a entes sobrenaturais, tais como imagens de santos e rosários, são marcas da colonização portuguesa. A esse respeito, Luiz Mott comenta: “No Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via

¹⁷ De acordo com Mott (1997), os nobres que construíam uma capela ganhavam mais *status* perante a sociedade, mas, eles tinham que se submeter à lenta burocracia eclesiástica para autorizar tal construção e arcar com altos custos.

¹⁸ Conforme Luís Mott “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In. NOVAIS, Fernando A. (Dir.), SOUZA, Laura de Mello e (Org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo, Companhia das Letras. 1977. 161 p.

¹⁹ Idem, idem.

rodeado de lembranças do Reino dos Céus”²⁰. Além de símbolos materiais, como acrescenta ele, é também de origem portuguesa o costume de, ao se levantar, fazer o Sinal-da-Cruz e rezar a Ave-Maria, o Pai-Nosso, o Credo e a Salve-Rainha. Mesmo aquelas famílias que não dispunham de oratórios, mantinham o costume de rezar em seu lar. O relato de Lúcia de Zé Porfírio nos demonstra isso: “Lá em casa, papai tinha por obrigação toda madrugada levantar de quatro horas [juntamente com a esposa e os filhos] e rezar o ofício”²¹, ela comentou que todos tinham que ficar ajoelhados durante toda a reza. Alguns carnaubenses ainda costumam realizar suas rezas individuais antes de dormir e ao se levantar, mas os oratórios já são um objeto praticamente extinto, existindo apenas alguns exemplares em residências de moradores.

Voltando ao passado, notamos que as orações domiciliares não se restringiam apenas aos membros da família ou à ocasião do recolhimento e do despertar. Algumas famílias carnaubenses também realizavam orações durante o mês mariano, o São João, festas de santo, para as quais costumavam convidar os vizinhos. O terço era uma das rezas mais assíduas. Em períodos de festa de santo, por exemplo, algumas famílias, principalmente na zona rural, faziam terços em suas residências que contavam com a participação de pessoas de diversas partes do município. Após a reza, realizava-se um animado leilão²² no intuito de angariar recurso para a igreja, visto os gastos com a festa. Outro momento em que as famílias e vizinhos se reuniam para rezar, era no dia de finados²³.

²⁰ Idem, 164 p.

²¹ Depoimento concedido por Lúcia Medeiros Dantas, doméstica residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

²² Em períodos de festas de santos, os leilões ainda são realizados, tanto na cidade como na zona rural, com o mesmo objetivo, sendo que normalmente conta-se com a presença do padre que realiza uma missa antes.

²³ De acordo com informações do Sr. Antônio Afonso de Azevêdo, num tempo remoto, as pessoas costumavam se dirigir ao cemitério para visitar as covas de seus familiares mortos no dia de finados,

As rezas também eram realizadas num domicílio em casos de existência de pessoas moribundas²⁴. Usava-se também cantar excelências – popularmente conhecidas por incelências – que “é um canto entoado à cabeça dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório, (...). Cantam sem acompanhamento instrumental, em uníssono, em série de doze versos ritualmente”²⁵. Em Carnaúba dos Dantas, segundo D. Maria de Lourdes do Quarenta²⁶, não se usava cantar para doentes, cantava-se apenas para mortos. Ela acredita que esses cânticos – que afirma ter aprendido com os mais velhos – tenham sido entoados nesse município até 1956. Sua memória ainda guarda alguns desses versos, que ela, juntamente com outras cantoras entoavam em velórios, citemos um deles: “*Uma excelência é uma espada de dor,/trespassou Jesus no peito, sua mãe sentindo a dor,/Sua mãe sentindo a dor./ Duas excelências são duas espadas de dor, .../ Três excelências são três ...*” Abrimos parêntese aqui para falarmos sobre um caso interessante que acontecia nos velórios. Conforme boa parte dos narradores, algumas pessoas iam “fazer quarto” a defuntos com intenção não só de rezar, mas também de divertirem-se um pouco nos alpendres ou locais reservados, onde rolavam muitas histórias. Os rapazes e moças, por sua vez, aproveitavam esse ritual para os flertes.

Observando o presente, notamos que o Movimento das Capelinhas que a Igreja Católica coordena atualmente faz-nos lembrar as orações domiciliares tão celebradas antigamente. Pelo menos no que diz respeito à intenção da igreja para

mas realizavam orações em suas casas em intenção aos espíritos dos falecidos. (Informações concedidas no dia 15 de maio 2005).

²⁴ Antes, boa parte dos óbitos eram domiciliares, o que possibilitava que se colocassem velas e imagens na mão do moribundo e se fizessem orações nos seus últimos sinais de vida. Hoje, esses ritos estão deixando de ser praticados, pois a incidência de óbitos é maior em unidades hospitalares, onde se requer silêncio e presença limitada de pessoas.

²⁵ CASCUDO, 1979, 315 p.

²⁶ Depoimento concedido por Maria de Lourdes Dantas, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 15 de maio 2005.

com o movimento, tendo em vista que seu objetivo é “unir as famílias pela oração, pois ‘a família que reza unida permanece unida’ ”²⁷. Outros propósitos são incentivar as famílias a realizar leituras bíblicas com o fim de aumentar a fé desses católicos, bem como, promover e amparar vocações sacerdotais. Esse Movimento é “(...) um culto familiar prestado a Deus por intermédio de Nossa Senhora”²⁸, teve início no Equador, em 1888, e rapidamente espalhou-se pelo mundo. Em Carnaúba dos Dantas, as 28 capelinhas existentes circulam pela zona urbana, pelo Povoado Ermo e pela Rajada²⁹. O manual do Movimento orienta que ao receber a capela o devoto deve rezar a oração da visita. À noite, a família deve reunir-se para rezar o terço e realizar leituras bíblicas - ocasião para a qual se recomenda convidar os vizinhos. No dia seguinte, reza-se a oração de despedida e a Capelinha é levada para a próxima casa, listada em relação fixada nela. Nos casos de falecimento de algum sócio, a Capela deve ser levada para a casa dele, após o sepultamento, dá-se prosseguimento ao rito encaminhando-a para a casa da família correspondente ao dia.

As orações domiciliares são ritos cotidianos vinculados à religiosidade que marcaram o viver desses carnaubenses que tinham o costume de fazer essas orações e continuam marcando o daqueles que ainda conservam essa cultura.

2.3. As missas³⁰

As missas em Carnaúba dos Dantas eram celebradas pelo pároco de Acari - e assim foi até 1996, ano em que a Comunidade Católica da Capela de São José passou a Paróquia. Aconteciam no último sábado do mês, após a feira no antigo mercado

²⁷ Conforme informações do Manual do Movimento das Capelinhas, Diocese de Caicó (2002).

²⁸ Idem.

²⁹ Informações concedidas por Aurisci Medeiros Dantas, no dia 15 de mar. 2005.

³⁰ A missa consiste numa ocasião em que o fiel vai para um espaço sagrado público, para fazer a sua oração em coletividade.

público³¹. Tempos depois, passou a ocorrer no domingo pela manhã e, mais tarde, a celebração foi transferida para a noite. Essa mudança de horário assustou um pouco alguns fiéis como é o caso de Maria de Carlinda³² que nos contou através de seu depoimento: “(...) a primeira missa que houve à noite, a gente pensava qu’era o mundo que tava perto de se acabar, que a missa sempre era de manhã. Aí (...) todo mundo ficou assombrado, aí o padre disse: não, num tenha medo não, porque é mudança de tempo”. As missas contavam com o acompanhamento de “coro” musical. O coral mais antigo de que temos conhecimento, datado da primeira metade do século XX, era dirigido pelo maestro José Alberto Dantas. Tempos depois, ainda no mesmo templo dedicado a São José, foi dirigido pelo maestro Felinto Lúcio.

Na cidade de Carnaúba, a missa de Natal e a de Ano Novo ocorriam durante a madrugada, pois antes de celebrá-la, o padre tinha primeiramente que realizar a cerimônia em Acari. Enquanto o sacerdote não chegava, as pessoas costumavam ficar acordadas passeando pelo centro da cidade. A iluminação da cidade na época era gerada a motor³³ e quando se aproximava das doze horas, as luzes da cidade eram

³¹ O Sr. Antônio Afonso de Azevêdo informou que quando as missas eram celebradas aos sábados em ocasião a feira no mercado público, o encarregado da igreja, Sr. Antônio Azevêdo, era quem mandava buscar o vigário em Acari. (Informações concedidas no dia 15 de maio 2005). De acordo com Maria da Paz Medeiros Dantas, a feira aconteceu aos sábados até o ano de 1955 (Dantas, 2001, 65 p.).

³² Depoimento concedido por Maria Dantas (Maria de Carlinda), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 12 de mar. 2005.

³³ O primeiro motor instalado para gerar a iluminação pública da cidade de Carnaúba dos Dantas nem chegou a funcionar. O segundo (da marca *Blackstone*) foi instalado em 1955 pelo então prefeito Dr. Anatólio Cândido de Medeiros e, apesar de ter sido comprado novo, apresentava muitas falhas técnicas. Em 1962, o então prefeito João Henrique Dantas substituiu esse motor por um Grupo Gerador da *Caterpillar*, que foi emprestado pelo Batalhão de Engenharia e Construção do Rio de Janeiro, por intermédio de José Macário Dantas (funcionário do Batalhão). Esses motores – que eram movidos a óleo diesel - eram ligados às 18h e desligados 22h, exceto nos finais de semana que a cidade era iluminada até às 23h ou nas datas de Natal e Ano Novo que eram apagadas quase pela manhã. Meia hora antes de desativar o motor o maquinista Aristóteles Estevam de Medeiros (ou seu auxiliar Abílio Luciano da Silva) apagava as luzes três vezes consecutivas, fazendo um pequeno intervalo entre uma e outra, com esse sinal as pessoas corriam apressadamente para suas casas, pois

apagadas por questão de segundos para anunciar a chegada da data especial e as pessoas saiam se abraçando em um ato de confraternização. A partir de 1996, o Pe. Henock Demétrio da Silva – pároco desde a criação da Paróquia de São José – começou a celebrar essa cerimônia antes da meia-noite.

A igreja não dispunha de bancos suficientes para os fiéis sentarem-se, por isso existiam as “cadeiras de oração”. Demos a palavra a D. Dezinha para descrevê-las: “(...) cada pessoa levava sua cadeirinha, (...) quando era hora de sentar, todos sentavam nas cadeirinhas, geralmente de palhinha o assento, e aí tinha a parte da gente se ajoelhar”³⁴. Essas cadeiras eram confortáveis e, normalmente, eram compradas pelas pessoas que tinham mais condições financeiras. As pessoas que tinham menos recurso mandavam fazer um banco e os deixavam na igreja, devidamente marcados com o nome do dono³⁵. Esses bancos eram menos confortáveis, mas, em compensação, tinham espaço para aproximadamente seis pessoas, enquanto que nas cadeiras somente cabia uma.

Alguns padres eram muito rigorosos e exigiam silêncio geral dentro da igreja durante as celebrações e os fiéis não ousavam descumprir o pedido do sacerdote. Ficavam parados ouvindo, mesmo sem entender quase nenhuma palavra, visto que,

sabiam que logo mais a cidade seria plena escuridão. A “Energia Elétrica de Paulo Afonso” foi implantada em 1964 e ativada em 15/01/1966. Carnaúba dos Dantas foi a primeira cidade do Seridó a ter essa rede de energia concluída, pois, no momento de assinar o contrato com a Companhia Elétrica do Rio Grande do Norte – COSERN, os prefeitos dos municípios seridoenses se revoltaram ao tomar conhecimento de que o valor financeiro apresentado no contrato ultrapassava em 50% o que havia sido acordado anteriormente, e João Henrique foi o único que aceitou as condições impostas pela Companhia. Essa rede de energia é chamada de “Energia de Paulo Afonso” porque ela é gerada através das turbinas instaladas na Cachoeira “Paulo Afonso”, situada em município de mesmo nome, no Estado de Bahia. (Informações concedidas por Paulo Medeiros, no dia 09 de maio 2005).

³⁴ Depoimento concedido por Maria Desidéria de Medeiros, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 16 de mar. 2005.

³⁵ Informações concedidas por Francisca de Assis Batalha Macêdo, no dia 06 de maio 2005.

essas cerimônias eram celebradas em latim³⁶. Além disso, o padre falava de costas para o povo, virado para o altar. Talvez, este seja o motivo que induzia algumas pessoas a rezar o terço em silêncio durante a celebração, costume que permanece até os dias atuais. Apenas na hora de fazer o sermão - hoje conhecido como prática ou homilia – é que o padre falava em língua portuguesa, sobre o púlpito e de frente para os fiéis. Conforme D. Valdeci Silva³⁷, além do terço, as mulheres costumavam ir para igreja com véu e um *Adoremus* (livrinho que continha orações).

As pessoas tinham que se comportar não só dentro da igreja, mas também eram consideradas as suas atitudes na vida privada. As “mulheres da vida”, os “amancebados” e as mulheres “mal faladas” até podiam entrar na igreja, mas não podiam, por exemplo, receber a comunhão nem ser testemunhas em batizados – regulamentos ainda mantidos pela Igreja Católica. Além disso, se alguma mulher se atrevesse a entrar na igreja com roupas decotadas, com unhas ou lábios pintados, eram mandadas embora, como nos disse D. Terezinha Azevêdo Lucas³⁸: “Padre Estanislau, vigário de Acari, mas vinha atender missa aqui, deu uma carreira cinzenta nelas duas [moças]. Foi! Por causa qu’elas foram pintadas e de manga cavada e decote grande. Naquele tempo ninguém usava não”. E o rigor não parava por aí, como nos contou D. Dolores Dantas³⁹:

Olhe, houve um São João na roça, chamava-se ‘São João na Roça’, né? E aí o povo, num sei nem quem não, mas levou um ramalhete de flor da igreja, num sabe? Quando padre

³⁶ As missas deixaram de ser celebradas em latim após a decisão do Concílio Vaticano Segundo, no início da década de 60 do século XX, que autorizou a substituição da linguagem latina pelos idiomas locais. O papa na época era João XXIII.

³⁷ Depoimento concedido por Valdeci Silva Santos dos Anjos, aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 21 de fev. 2005.

³⁸ Depoimento concedido por Terezinha Azevêdo Lucas (Terezinha), aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

³⁹ Depoimento concedido por Dolores Dantas, aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de mar. 2005.

Ambrósio soube, excomungou. Veio aqui em Carnaúba trancou a igreja. Num tinha essa chave na porta da igreja? Essa chave foi ele que lançou, primeira vez, foi ele quem mandou botar. Botou a trave e trancou. Nós passamos três meses sem ter missa”⁴⁰.

O historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo⁴¹ informou-nos que, muito tempo depois de Padre Ambrósio Silva, foi promovido por Dom José Adelino Dantas um movimento de condenação de maus costumes. Carnaubense, rígido nos padrões e dogmas da Igreja Católica e estudioso das tradições seridoenses, quando se aposentou da condição de bispo em 1975 e veio residir em Carnaúba dos Dantas empreendeu nos seus sermões vários ataques às pessoas que desobedeciam, por mínimo que fosse, os cânones do Catolicismo. Ainda segundo o historiador, mulheres mal faladas, com roupas escandalosas e pessoas “amancebadas” eram uma presença não permitida por Dom Adelino Dantas dentro dos templos localizados neste município.

Atualmente, as normas da igreja são menos rígidas no que se refere a vestimentas, pois as mulheres podem entrar na igreja de mini-saia e blusinha, e até mesmo comungar. Em tempo, queremos esclarecer que não estamos querendo avaliar qual dos regulamentos é o mais correto – se o do passado ou o do presente. Afinal, acreditamos que as pessoas vivem conforme as tendências de seu tempo. E com o tempo, só Deus pode!

2.4. Festas de Santos

Comumente os católicos recorrem a um santo e, principalmente, a Nossa Senhora em seus vários papéis de santa milagrosa para interceder a Deus pelos seus

⁴⁰ Segundo D. Dolores (em 02 de mar. 2005), Pe. Ambrósio voltou a abrir a igreja e celebrar missa porque cômego Ramalho, de Parelhas/RN, convenceu-o a fazê-lo, mas ele só abriu a porta da frente. Apenas por intermédio do bispo é que todas as portas do templo voltaram a ser abertas.

⁴¹ Informações concedidas em 07 de maio 2005.

pedidos. Sobre essa relação entre o católico sertanejo e os entes sobrenaturais, a antropóloga Julie Cavignac comenta: “Esta representação viva e hierarquizada do mundo divino corresponde a práticas rituais nas quais o fiel não se dirige jamais diretamente a Deus – o que seria considerado sacrilégio – mas a um de seus agentes que poderá intervir a seu favor”⁴².

A ligação entre os católicos e os santos é tão forte que muitas cidades criam festas para homenageá-los e constroem santuários em seu nome. Sendo um deles escolhidos para ser o patrono do município. O calendário de festividades imóveis da Igreja Católica de Carnaúba dos Dantas inclui cerimônias relativas aos seguintes santos ou santas, em ordem cronológica de acordo com os meses do ano: São José, mês mariano, Santa Rita de Cássia, Santo Antônio, São João, São Pedro, São Francisco, Nossa Senhora das Vitórias, Santa Luzia e São Bento. No passado ainda existiu a festa de Nossa Senhora da Conceição.

Dando início ao calendário de festas e ritos em homenagem a santos e santas em Carnaúba dos Dantas, temos a festa do padroeiro do município – São José –, no período entre 10 a 19 de março. Abrimos espaço aqui, para tratarmos de um evento que acontecia na véspera da Festa de São José (e também na de Nossa Senhora das Vitórias): a barraca azul e a encarnado. As barracas se constituíam em acirrada disputa, sendo um dos maiores atrativos da festa. Os preparativos iniciavam com dias de antecedência, os aliados da barraca azul e os da encarnado andavam pelo município recolhendo objetos para serem leiloados. Existiam pessoas (de ambos os grupos) que recolhiam também recursos em cidades vizinhas. No dia do evento, esses voluntários se desdobravam em vários papéis, por exemplo, os homens eram quem assumiam a função de leiloeiro e a tarefa de ornamentar dois espaços na Praça Caetano Dantas para se instalar separadamente as mesas de cada partido; quanto às

⁴² Conforme Julie Cavignac, “Festas e Penitências no Sertão” (1999. p. 50)

moças, essas serviam as mesas devidamente uniformizadas ou se fantasiavam de ciganas para sair entre as pessoas na rua pedindo dinheiro. O evento entrava pela madrugada com os animados leilões, desfiles e diversas maneiras que as equipes criavam para resgatar recurso. Existindo ainda uma banda de música que, vez em quando, tinha espaço para tocar, atraindo as pessoas para o centro da praça, onde dançavam. No final, vencia a barraca que conseguisse angariar a maior quantia em dinheiro, que era destinada à igreja. E a vitória quase sempre era conquistada pela barraca azul. No dia da festa havia um animado baile⁴³, sobre o que falaremos adiante.

Seguindo o calendário vem o mês mariano, ou melhor, o mês de maio, que é totalmente dedicado a Maria Santíssima. Atualmente, as cerimônias religiosas são celebradas por Pe. Henock Demétrio durante os 31 dias do mês. Sendo que, no último dia, um grupo de meninas vestidas de anjinhos fica sobre o altar-mor e uma delas fica no centro para coroar a imagem da santa. Antigamente, na então Capela de São José, eram realizadas novenas por pessoas da comunidade, como o Sr. Pedro Alberto Dantas, que era “rezador de novena” e Pedro Lúcio Dantas, que ajudava a organizar o rito. Realizavam-se também as novenas nas capelas situadas na zona rural, D. Josefa Domiciana Dantas (Veta), por exemplo, era uma das “rezadeiras de novenas” no Povoado Ermo. Algumas famílias também costumavam rezar terços em suas casas, ocasiões para as quais costumavam convidar os vizinhos. A esses rituais as pessoas compareciam também interessadas na “farra” que havia após a reza. Para ilustrar, citamos o que D. Zefa de João relatou em seu depoimento:

Era aqueles salões bem grandes. Era bom demais! A gente ia, a gente era mocinha. Na casa de João Pio havia as novenas do mês de maio, agente ia muito para lá. Se juntavam as moças e

⁴³ Os bailes também eram desenvolvidos no dia da Festa de Nossa Senhora das Vitórias e na de Santa Luzia e São Bento (quando sua programação desenvolvia-se na cidade).

os rapazes tudo novinho. Quem tinha namorado ia namorar e quem num tinha ia só para observar, olhar, e era bom!⁴⁴

Ainda em maio (19 a 22), ocorre a Festa de Santa Rita de Cássia, cujos festejos iniciaram por volta de 1990 e se constituem basicamente em ritos religiosos. No dia 19, com os primeiros raios do sol, o andor da santa é trazido em procissão do santuário para a casa da Sra. Maria de Lourdes Dantas (Lourdes Major), tesoureira⁴⁵ do santuário desde 1996. À noite, a santa é conduzida através de uma caminhada para a Matriz de São José, onde se realiza uma novena. A novena é repetida nos dois dias seguintes e o encerramento é logo no dia 22 – dia da santa – com uma procissão da matriz para o Santuário de Santa Rita, onde acontece a missa solene por volta das 16h. Embora ainda discreto, o culto a Santa Rita vem ganhando expressividade a cada ano, visto que o número de participantes é crescente. Entretanto, nas cerimônias realizadas, embora percebamos a predominância de carnaubenses, a freqüência de pessoas de outras cidades também é sentida⁴⁶. A propósito, a cientista social Maria Isabel Dantas⁴⁷ mostra em sua pesquisa de mestrado em Ciências Sociais que, em seus dias cotidianos, os devotos carnaubenses visitam mais o santuário de Santa Rita do que o Monte do Galo. Para ela, esse fato parece se justificar não só pela crença de

⁴⁴ Depoimento concedido por Josefa Delmira (Zefa de João Claudiano), aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

⁴⁵ Antes de D. Maria de Lourdes, o Santuário de Santa Rita de Cássia teve, respectivamente, como zeladoras a Sra. Ivaneide Lopes e a Sra. Tereza de Jesus Medeiros (Informações concedidas por Maria de Lourdes Dantas, no dia 28 de maio 2005).

⁴⁶ Registramos no encerramento da Festa de Santa Rita de Cássia deste ano (2005), a presença de uma senhora com uma criança nos braços, ambos vestidos com trajes representativos da santa. Conforme informações concedidas por Maria Gorete Azevêdo (irmã de Iria Azevêdo), a criancinha estava em estado de saúde delicado e os médicos já haviam avisado à família que o caso não tinha solução. Então, a mãe, desesperada, decidiu fazer um *voto* a Santa Rita de Cássia e o menino conseguiu se recuperar. Disse também que eles vieram da cidade de Parelhas/RN (Informações concedidas em 30 de maio 2005). Esse fato talvez signifique o princípio do fluxo de romeiros para o santuário no decorrer dos anos.

⁴⁷ Conforme Maria Isabel Dantas, “Do Monte do Galo à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias” (2002. p. 90).

muitos moradores na santa, mas também pela necessidade que os carnaubenses sentem de ter um lugar sagrado só seu, visto que o Monte do Galo já se constitui num patrimônio religioso para muitos sertanejos. O início da construção do santuário se deu em meados da década de 70 do século XX, cuja história se constitui num misto entre injustiça, comoção e graças. O seu surgimento, como mostra Maria Isabel, relaciona-se com o dramático final de vida de Joana Faustina de Medeiros (Joana Turuba): vítima de uma epidemia de catapora ou de bexiga verdadeira, foi expulsa da cidade, temendo a administração pública e moradores que a doença fosse transmitida para a população. “Jogada” num ranchinho, Joana recebia apenas a visita do seu filho Severino Turuba (que vinha trazer-lhe alimento) e de poucas pessoas que moravam por perto. Quando Joana morreu (1935) tinha a seu lado apenas um quadro de santa Rita de Cássia, de quem era devota. Seu corpo foi enterrado no local onde hoje é o santuário, devido a administração pública não ter aceitado o seu sepultamento no cemitério. Muitos anos depois, três moças pastoreando seu gado sentiram cheiro de rosas nas proximidades da cova de Joana, mesmo sem haver por ali alguma roseira, então associaram o fenômeno à alma da falecida. A partir daí, começaram os pedidos de intersecção àquela mulher/alma e as visitas de moradores⁴⁸.

Passemos agora à festa de Santo Antônio, padroeiro da Comunidade Rajada. São dez dias de festejos religiosos que nem sempre terminam na data comemorativa do santo - dia 13 -, em virtude de alguns moradores trabalharem até tarde, os organizadores da festa programam o seu encerramento para o segundo domingo de junho. As palavras de abertura da festa são feitas por Pe. Henock Demétrio, logo após o hasteamento do estandarte do santo. Nos nove dias seguintes não têm as

⁴⁸ Para maiores informações sobre o Santuário de Santa Rita de Cássia, consultar DANTAS, 2002, 88-90 p.

tradicionalis novenas, mas sim, missas. Essa mudança ocorreu desde 1997, ano em que os ritos religiosos passaram a ser celebrados pelo padre. Antes eram rezadas novenas por Inácia Paula de Medeiros Roque ou Maria Edvirgem Medeiros Dantas (Diva) e no dia principal era celebrada uma missa pelo vigário de Acari. A programação da festa também inclui eventos profanos: nos dois últimos dias acontecem leilões e uma festa com banda (geralmente de forró) na quadra da Escola Isolada da Rajada. De acordo com a Sra. Diva⁴⁹, uma das organizadoras da festa, os recursos arrecadados com esses eventos são investidos na estruturação e manutenção da Capela de Santo Antônio, construída desde 1986. A escolha de Santo Antônio para padroeiro da Rajada foi uma homenagem ao casal que doou o lote de terra para construção da capela (em 1986), pois o nome do doador era *Antônio* Adonis dos *Santos* e sua esposa (Teodora Adonis) tinha devoção pelo santo. A festa acontece desde 1989.

Mas os festejos do mês de junho não param por aí, pois ainda existem o São João (dia 24) e o São Pedro (dia 29), em cujo período se sobressaem os festejos profanos. Num tempo remoto do século passado, com base em boa parte dos depoimentos, no São João, os melhores festejos eram nos sítios. Algumas famílias costumavam organizar terços que atraíam muitos vizinhos. Outros faziam forrós ao som de sanfona em suas casas, cujo atrativo não era só dançar forró, os participantes também se serviam de milho assado na fogueira, além de bolo, canjica, pamonha; contavam histórias; brincavam (de anel, casamento matuto); faziam adivinhações; dançavam quadrilha; soltavam fogos de artifício e namoravam. Muitos pais privavam as filhas de participar desses forrós, mas algumas eram astutas, como é o caso de D. Nilda que disse: “Ave Maria, quadrilha eu chorava para dançar! E forró no sítio com luz de candeeiro? Ai como era gostoso! Eu ia escondida de pai, que pai

⁴⁹ Informações concedidas no dia 19 de maio 2005.

era muito abusento, não deixava a gente ir”⁵⁰. Hoje, o São João está praticamente esquecido em relação aos festejos que se faziam em anos anteriores, constituindo-se mais em celebrações entre famílias, em cujas ocasiões se conservam a tradicional fogueira, os fogos de artifício e comidas típicas, quando o período chuvoso é favorável.

O São Pedro é tradição no município, pelo menos desde meados do século XX acontecem eventos nessa data. Muito lembrado pelos narradores foi o baile que havia no Grupo Escolar Caetano Dantas e, com menor frequência, no prédio da Biblioteca Pública Donatilla Dantas. Por volta de 1958, foi inaugurada a Associação Cultural e Recreativa de Carnaúba dos Dantas⁵¹, para onde esse evento – designado de “São Pedro” - foi transferido. O baile era animado por bandas de música⁵² que tocavam valsa, bolero, samba. Outros atrativos eram quadrilhas ensaiadas e desfiles que aconteciam no decorrer do evento. As moças solteiras só recebiam a permissão dos pais para comparecer ao baile se fossem acompanhadas por alguém considerado responsável. Dentro do salão de festas, além do cuidado de seu acompanhante, as moças eram vigiadas pelos mestres-salas que só as deixavam sair do estabelecimento da festa juntamente com seus acompanhantes. Percebemos, através de muitos depoimentos, que a sociedade mantinha traços preconceituosos, tendo em vista que pessoas negras só entravam na festa se tivessem alguma relação com seus organizadores. Havia também restrições para mulheres mal faladas e para

⁵⁰ Depoimento concedido por Nilda Medeiros Dantas, aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 22 de fev. 2005.

⁵¹ Esse prédio passou por reformas e, nos dias atuais, serve como sede da Prefeitura Municipal.

⁵² Em conformidade o Sr. Paulo Medeiros, o primeiro conjunto musical que veio tocar em Carnaúba dos Dantas foi o Apolo 8 (Campina Grande), na década de 70. Antes disso, os eventos eram animados somente por bandas de música e o conjunto foi um sucesso. Com o tempo, foi crescente o número de eventos animados por esses grupos musicais. E a palavra “baile” foi sendo substituída por “festa”. (Informações concedidas em 09 de maio 2005). Atualmente, o termo “baile” ainda é usado, mas somente quando se realizam eventos que exijam tarjes ao estilo social ou esporte fino, como “bailes de formatura”, por exemplo.

“desordeiros”. Sobre os bailes, o Sr. Tota Azevêdo comentou: “Era mais lorde, era o do povo nobre, o forró e o samba, dançava toda qualidade de gente, era melhor do que ali [no baile]”⁵³. Contudo, com o tempo esses regulamentos foram se amenizando. Assim como nos forrós ou sambas (sobre o que abordaremos adiante), as mulheres não pagavam para entrar e se dessem “corte” no cavaleiro a confusão corria solta. Mais tarde, as mulheres começaram a pagar metade do preço do ingresso para o baile, dando-as oportunidade de escolher com quem iam dançar ou não. Em março de 1986, foi inaugurado o Centro de Atividades Recreativas - CENAR, ganhando o evento esse novo espaço. Nesse novo cenário, o evento foi se popularizando. Acontecia na data comemorativa do santo, sendo designado como “Tradicional São Pedro”. A festa era animada por duas bandas, uma de forró pé-de-serra (da região) e uma atração maior. No decorrer do evento, a banda parava de tocar para dar espaço às divertidas “quadrilhas do povão” e às de casados⁵⁴. Para Wilton de Souza⁵⁵ - que integrou a diretoria dos dois clubes citados (1985-1995) – o São Pedro tradicional do Seridó era em Carnaúba dos Dantas. A festa “Tradicional São Pedro” perdeu um pouco do seu brilho quando os animadíssimos arraiais de meio de rua (sobre os quais falaremos abaixo) chegaram a sua melhor fase, de 1987 a 1992. A partir de 2001, o poder público municipal revitalizou o tradicional festejo do São Pedro, transferindo-o novamente para outro espaço, dessa vez, aberto: a Praça Caetano Dantas. Além disso, instituiu o nome de “Forrozão do Seridó” para o evento. A festa tem cinco dias de duração (incluindo o dia 29). Nos três primeiros dias ocorrem apresentações de quadrilhas ensaiadas e shows com bandas de forró

⁵³ Depoimento concedido por Antônio Afonso de Azevedo (Tota Azevedo), aposentado residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

⁵⁴ Muitos maridos não gostavam de entrar com suas esposas na quadrilha do povão, então foi criada uma quadrilha só para pessoas casadas. (Informações concedidas por Wilton Dantas de Souza, no dia 30 de maio 2005).

⁵⁵ Informações concedidas por Wilton Dantas de Souza, no dia 30 de maio 2005.

pé-de-serra. Nos dois últimos, conta-se com uma atração maior: renomadas bandas de forró e cantores nacionalmente conhecidos (Beto Barbosa, Amazan). O Forrozão do Seridó tem mostrado uma grande expansão em termos de infra-estrutura por atrair pessoas de muitas cidades deste e de outros Estados. Além do divertimento, o evento favorece proprietários de comércios, casa para aluguel, pousada, bares, restaurantes e lanchonetes, contribuindo para o desenvolvimento do setor econômico municipal.

Ainda no período junino, nos anos entre 1982 e 2000, realizavam-se os arraiais de meio de rua⁵⁶, em datas que variavam entre o Santo Antônio e o São Pedro. Alguns ainda aconteciam no início de julho, em recordação ao São Pedro. A maioria dos arraiais era realizada na própria rua onde moravam seus organizadores. Esses eventos eram tão animados que, não só os carnaubenses, mas também jovens de municípios vizinhos esperavam ansiosos por esse período. Primeiramente faziam-se as apresentações das quadrilhas ensaiadas, desfile da rainha mirim do arraial ou do

⁵⁶ O primeiro arraial de meio de rua que surgiu em Carnaúba dos Dantas foi o do *Gafanhoto* (1982-88). Era organizado por Maria Sueide Pereira e Alda Alves de Oliveira, realizando-se na Rua Tonheca Dantas (próximo ao mercadinho Aradja Simões). A partir daí, criaram-se vários outros arraiais no período junino em datas e locais diferentes. Na véspera ou dia de **Santo Antônio** aconteceram o *Arraiá do Povão* (1987), organizado por Marilene Dantas e Ana Maria de Medeiros, no bairro D. José Adelino; o da *Monte Alegre* (1990-1993), organizado por Jurandir Fernandes e moradores da Rua Monte Alegre, onde o evento acontecia; e o da *Última Hora* (início da década de 90), os responsáveis eram Severina Aparecida Dantas de Medeiros, Aflânio Pereira da Silva, Josileide Pereira da Silva e Joelma Pereira da Silva, ocorria na Rua Juvenal Lamartine (próximo à Prefeitura Municipal). No período do **São João** se realizaram o *Arraiá da Amizade* (1989-93), organizado por Manoel Gabriel da Silva, Maria do Carmo Silva, Edilma Carlos e Maria da Glória, na Rua Sete de Setembro; o da *Integração* (1989/1994), por Maria das Graças Dantas, Janicleide Dantas e Ana Paula Dantas, tendo ocupando o espaço em que se encontram as ruas Cel. Quincó, José Matias e Antônio Azevêdo; e ainda o da *13 de Maio* (1995), organizado por Francisca da Glória Silva de Medeiros e moradores da Rua 13 de Maio, onde a festividade acontecia. No **São Pedro** ocorreu o *Arraiá do Reencontro* (1986-92), organizado por Marli de Medeiros Dantas, Valéria M^a de Medeiros Santos e Sebastião Inácio de Medeiros, nas ruas José Victor e José Matias (ao lado Rodoviária); e o da *15 de novembro* (1999-2000), organizado por Thays de Souza Alves, Luzimar Amália de Souza Alves, Plínio Dantas da Silva, com a colaboração de moradores da Rua 15 de Novembro, onde se realizava o evento. No início de julho, Jurandir Fernandes e equipe faziam ainda outro arraial na Monte Alegre, recordando o São Pedro.

milho. Em seguida havia forró pé-de-serra e ao estilo contemporâneo até o sol raiar. Nem sempre havia bandas, às vezes, as músicas eram reproduzidas por caixas de som com amplificador. Os participantes dançavam no meio da rua, sobre o paralelepípedo ou cimento, quando o organizador da festa tinha o cuidado de revestir o trecho da rua onde o evento acontecia. Um dos momentos mais esperados pelos participantes era a “quadrilha do povão” formada por duas enormes alas de casais que dançavam seguindo os passos propostos pela pessoa que “marcava” a quadrilha. Quando alguém “queimava” -errava um passo-, embaraçava os passos de muitos e todos se divertiam com isso. Infelizmente, nos dias atuais, essa divertida “dança coletiva”, tem se realizado com pouca frequência. Também se praticava muito no período junino aquele ritual que concebia os padrinhos e afilhados de fogueira. Uma pessoa convidava outra para ser seu padrinho ou madrinha e, andando em torno da fogueira em sentido contrário um ao outro, repetiam três vezes as seguintes frases: “[ambos] São João disse, São Pedro confirmou; [padrinho] que você fosse meu afilhado; [afilhado] que você fosse meu padrinho; [ambos] que Jesus Cristo mandou”. Ambos deveriam se encontrar cada vez que concluíssem essas palavras para que o “quase afilhado” pedisse a bênção ao “quase padrinho”. Ao repetir esse ritual pela terceira vez, eles já podiam se considerar como padrinho e afilhado. Esse mesmo ritual era feito por pessoas que desejavam se acompadrar, sendo que se trocavam os termos afilhado ou padrinho por compadre, bem como, ao se encontrar os indivíduos apenas se saudavam. Ainda se realizam esses ritos, embora, em menor frequência.

São Francisco - padroeiro do Povoado Ermo - é o próximo santo a ser homenageado, sua data comemorativa é dia 04 de outubro, mas os festejos ocorrem na última semana de setembro para não ficarem tão próximos à Festa de Nossa Senhora das Vitórias (ver abaixo) ou, em anos eleitorais, à eleição. A programação

religiosa inclui novenas nos primeiros dias e encerramento com missa solene, procissão arreamento do estandarte. Quanto a programações profanas, conta-se com leilão e festa animada por banda (geralmente de forró) na quadra da Escola Municipal Francisco Macêdo Dantas. A festa, que teve início em 1936, é realizada na Capela de São Francisco, cuja construção “(...) é consequência do cumprimento de uma promessa feita por Francisco Adelino Dantas, para sustar uma epidemia que atacou seu gado. Sendo São Francisco o protetor dos animais, foi escolhido por esse devoto para ser homenageado”⁵⁷.

Em outubro, no período entre 15 a 25, realiza-se a festa mais ampla do município de Carnaúba dos Dantas: a de Nossa Senhora das Vitórias, padroeira do Monte do Galo.

Fechando o calendário de comemorações e ritos dedicados a santos, temos a festa de Santa Luzia e São Bento que se desenvolve no bairro Dom José Adelino Dantas, entre 04 e 13 de dezembro. Além das tradicionais novenas e missas, a programação religiosa inclui procissões, as quais estão a cada ano mais participadas, especialmente por romeiros paraibanos. Inclusive, para D. Chiquinha Baeta “a festa de Santa Luzia está tomando a Festa de Nossa Senhora das Vitórias, dá mais gente de que antigamente”⁵⁸. Os festejos ocorrem no mencionado bairro desde 1980, antes disso, eles aconteciam na Igreja de São José, de 24 a 26 de outubro⁵⁹. Porém, quando teve início a Festa de Nossa Senhora das Vitórias (em 25 de outubro de 1928), no Monte do Galo, as duas festas continuaram acontecendo no mesmo período e, após algumas décadas, os festejos a Santa Luzia e São Bento acabaram perdendo espaço para a Festa de Nossa Senhora das Vitórias. A festa de Santa Luzia e São Bento foi

⁵⁷ DANTAS. 2002, 100 p.

⁵⁸ Depoimento concedido por Francisca de Jesus Santos (Chiquinha Baeta), aposentada, artesã e residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 21 de fev. 2005.

⁵⁹ Em 1980, foi revitalizado apenas o culto à Santa Luzia. Somente em 2001, é que foi conjugado à festa, o nome de São Bento devido a reivindicações de moradores (Dantas, 2002, p. 100).

criada nos anos dez⁶⁰ pela família Alberto e, com base no depoimento de D. Naninha Lucas⁶¹, foi a terceira celebração em tributo a santo que surgiu em Carnaúba dos Dantas. Com base na programação de 1928, no dia 24 se celebrava uma novena solene a São Bento, no dia 25, a cerimônia era em tributo a Santa Luzia e, no último dia, acontecia uma missa cantada (às dez horas), uma procissão (às dezesseis), salve e bênção do Santíssimo Sacramento (às 19 horas). Na programação também consta a parte profana da festa que consistia em apresentações da Banda de Música de Carnaúba e leilão. A festa contava com uma comissão, entre a qual se destacava a figura do tesoureiro que assumia as maiores responsabilidades do evento. O primeiro tesoureiro da festa de Santa Luzia e São Bento foi o Sr. José Alberto Dantas. Nos dias atuais, essa função é assumida pelo Sr. Antônio Felinto Dantas.

No passado ainda existiu a festa de Nossa Senhora da Conceição⁶², o dia principal era 08 de dezembro (dia da santa). Os festejos aconteciam na véspera e dia da Santa, sendo, novena e leilão no dia sete, encerrando-se com procissão e missa solene. Quando não, era tríduo. De acordo com D. Naninha Lucas⁶³, essa foi a segunda festa em homenagem a santo que surgiu em Carnaúba dos Dantas (a primeira foi a do Padroeiro São José). A tesouraria da festa ficava a encargo do Sr. José Leopoldino de Azevêdo.

⁶⁰ Informação concedida por Hélder Alexandre Medeiros de Macêdo, no dia 07 de maio 2005.

⁶¹ Depoimento concedido por Ana Lucas Dantas (Dona Naninha), aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

⁶² Em anotações do Sr. Antônio Azevêdo (Antônio Professor), existe o registro de bênção da imagem de Nossa Senhora da Conceição, em 08 de dezembro de 1938 (AZEVEDO FILHO, Antônio. **Livro de Assento** – década de 10 à 50 do séc. XX -; manuscrito. Sítio Carnaúba [de Baixo], acervo particular de Irene Ídia de Azevêdo [filha]). O historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo acredita que se trata da segunda imagem da santa adquirida pela então Capela de São José (Informações concedidas em 28 de maio 2005).

⁶³ Depoimento concedido por Ana Lucas Dantas, (Dona Naninha), aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

2.5. As *Santas Missões*

As *Santas Missões* eram realizadas por freis e padres que vinham de diversas regiões do país ou do exterior. Duravam em média três dias, em que aconteciam novenas, missas, evangelizações, catequização de crianças, passeatas e conferências para grupos específicos (jovens, mulheres, casais). Esses eventos eram bem participados por católicos de diversas partes deste município, mesmo nas passeatas que se realizavam por volta das quatro da manhã.

Para o Sr. Tota Azevêdo⁶⁴, a primeira missão em Carnaúba dos Dantas foi realizada por Frei Casanova. Nos anos seguintes, muitos outros freis e padres passaram por aqui, alguns deles foram Frei Miguel, Frei Antônio, Pe. Ricardo e Pe. Clemente. Os últimos foram Frei Damião e Frei Fernando. Todavia, entre todos eles, Frei Damião foi (e continua sendo) o que marcou a memória de carnaubenses. A esse respeito, Dona Auta Rodrigues, que se doou ao trabalho da catequese por cinquenta anos, pronunciou:

Eu acho que as *Santas Missões* foram de muita importância, porque o povo tinha um grande respeito, (...) eu chamo até assim, um grande fanatismo por Frei Damião. E todos escutavam com muita atenção àquelas palavras, o que ele disse [dizia], todo mundo ficava contrito, certo de que ele estava dizendo a verdade, mas, como sempre, alguns se revoltavam também, porque ele era muito sério, (...), mesmo do jeito que Deus quer que seja.⁶⁵

A partir deste ano (2005), a Igreja Católica deste município – juntamente com toda rede integrante da Diocese de Caicó - está realizando um trabalho voltado à evangelização, buscando despertar a fé dos católicos, em especial, dos não-praticantes, e assim fortalecer a religião. O trabalho, designado de *Santas Missões Populares*, já conta com um bom número de missionários e durará até 2007. As

⁶⁴ Depoimento concedido por Antônio Afonso de Azevedo (Tota Azevedo), aposentado residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 02 de fev. 2005.

⁶⁵ Depoimento concedido por Auta Rodrigues de Carvalho, no dia 29 de mar. 2005.

Missões Populares surgiram no interior de São Paulo em 1990, a partir daí vem se espalhando por todo Brasil.

3. A religião evangélica: novos valores no território do sagrado

Em Carnaúba dos Dantas, as primeiras atividades voltadas à Igreja Evangélica tiveram início em 1971. Segundo as palavras do diácono João Paulino Dantas⁶⁶ – o popular João Crente⁶⁷ -, esses trabalhos foram feitos pelo pastor Manoel Matias e o Sr. José Paulino (Zé de Terto), membros da Assembléia de Deus. Afirmou também que os primeiros cultos foram realizados por um pastor da referida igreja chamado Antônio Barbosa Cavalcanti, por volta de 1975, na casa dos descendentes da parteira Mãe Negrinha⁶⁸ que foi alugada por ele para morar. Desse período em diante, o Sr. João Crente assumia os trabalhos da igreja cada vez que faltava pastor na cidade. A propósito, os cultos passaram a ser realizados na casa onde ele residia e, como morava de aluguel, mudou-se várias vezes, alterando também o local dos cultos. Somente em 1989 é que foi construído o templo – o primeiro evangélico em Carnaúba dos Dantas - pelo então pastor José Maurício da Silva e demais membros. A inauguração se deu em 13 de março de 1990.

Os trabalhos da Igreja Evangélica sofreram resistências em Carnaúba dos Dantas, mas há alguns anos vem ganhando expansão⁶⁹. Hoje, além da Assembléia de

⁶⁶ Informações concedidas por João Paulino Dantas, no dia 04 de maio 2005.

⁶⁷ O nome “João Crente” foi uma das formas como algumas pessoas apelidaram João Paulino logo quando ele chegou em Carnaúba dos Dantas, mas hoje é como prefere ser chamado.

⁶⁸ Situada na Rua Manoel Lúcio, Carnaúba dos Dantas, onde fica a Casa das Antenas.

⁶⁹ Após a Assembléia de Deus, surgiram, respectivamente, as seguintes igrejas em Carnaúba dos Dantas: Realidade em Cristo (1990), Batista (1997), Adventista (passou pouco tempo no município, não firmou), Novo Caminho (1996), Deus é Amor (não firmou) e Casa de Oração Congregação Cristã no Brasil (por volta de 2000).

Deus, existem a Casa de Oração Congregação Cristã no Brasil⁷⁰ e três outras Igrejas Evangélicas, que funcionam em seus devidos templos, são elas: Batista, Realidade em Cristo e O Novo Caminho. Essa última foi fundada neste município (em 10 de julho de 1996) pelo casal de evangélicos Braz Dantas Filho e Maria de Lourdes Felipe Dantas com a colaboração de alguns membros. Essas igrejas diferenciam-se uma das outras no que diz respeito a normas e regulamentos internos. O pastor da Igreja Batista, Silvany Luiz da Silva, disse que essas diferenças existem basicamente “em usos e costumes, bem como em estilo e sistema de governo”⁷¹.

É crescente também, em Carnaúba dos Dantas, o número de fiéis a Igrejas Evangélicas. Percebemos que boa parte dessas pessoas são jovens e que existem muitos membros que antes integravam a tradicional Igreja Católica. Procuramos 25 desses indivíduos (17 jovens, 5 idosos e 2 de meia idade) para questionarmos sobre os aspectos que os atraíram na Religião Evangélica, as respostas que obtivemos foram variadas. A maioria das pessoas (43,6%) informou que se sentiram atraídas pelo melhor entendimento da Bíblia, através da leitura que são estimulados a fazer ou de explicações realizadas por pastores ou missionários. Outros 15,38% dos entrevistados indicaram a influência de familiares, amigos ou pregadores evangélicos. Problemas pessoais ou doenças se constituíram num fator que levou 12,82% desses indivíduos a procurarem Igrejas Evangélicas. Um percentual de 7,7% das pessoas abordadas apontaram a alegria, a sensação de bem-estar ao frequentar essas celebrações, já outros 7,7% ao enxergarem essas características no semblante de evangélicos sentiram vontade de participar dos cultos. A forma como 5,12% dos indivíduos interrogados foram recebidos na igreja ao fazer as primeiras visitas, também contou ponto para que eles permanecessem na religião. Por fim, foram

⁷⁰ Os membros da Casa de Oração Congregação no Brasil reúnem-se uma vez ao mês para participar de culto celebrado por missionários que vêm da cidade de Acari/RN.

⁷¹ Informações concedidas por Silvany Luiz da Silva, no dia 12 de maio 2005.

mencionados, numa mesma proporção (2,56%), como uma das causas atrativas na religião: a aceitação da participação de pessoas casadas apenas no civil em todos os atos da igreja; as novidades trazidas pela religião e os louvores animados ou tocantes, acompanhados pelo som de instrumentos musicais.

Tabela 1- Fatores apontados por evangélicos como causa de sua procura/ permanência na religião

Causas	Quantidade	
	Absoluta	%
Leitura e explicação da Bíblia	17	43,6
Influência de outras pessoas	6	15,3
Problema pessoal ou doença	5	12,8
Sensação de alegria ou bem-estar	3	7,7
Percepção de mudança no semblante de evangélicos	3	7,7
Boa recepção por parte da igreja	2	5,12
Participação em todos os atos da igreja	1	2,56
Novidade	1	2,56
Animação do culto	1	2,56
Total	39*	100

(*) O total supera a quantidade de pessoas entrevistadas porque, por mais de uma vez, um mesmo indivíduo apontou mais de uma causa.

Fonte: Entrevistas com membros de igrejas evangélicas (ver referências)

Em se tratando da rotina semanal das igrejas, celebra-se uma média de três cultos. As igrejas também realizam as escolas dominicais abertas para crianças e adultos evangélicos ou não, em que são feitos ensinamentos bíblicos. Uma vez por mês se realiza a Santa Ceia (ou Ceia do Senhor, no caso da Igreja Batista), em que os membros batizados na religião evangélica recebem, simbolizados por pão e vinho (suco de uva em algumas) o corpo e o sangue de Cristo. Nessa cerimônia, o pastor ora agradecendo a Deus pelo pão e pelo cálice, os quais são entregues aos membros. Após todos receberem, é lida a passagem bíblica: I Coríntios 11: 23-32 ou outra

referente ao assunto. Enfim, é dada a ordem aos fiéis para comerem o pão e beberem o cálice.

Algumas igrejas costumam desenvolver cultos diferenciados para determinados grupos, como jovens ou mulheres, por exemplo. Nesses cultos, além das pregações através de leituras bíblicas e cânticos animados, ouvem-se testemunhos de pessoas com as mesmas características do grupo alvo do dia e que já se converteram à religião, bem como, no final do culto, são feitas dinâmicas e oferecidos lanches.

Quanto a festividades/comemorações desenvolvidas nas igrejas, percebemos que a maior parte se trata de eventos discretos normalmente realizados dentro do próprio templo. No dia das mães, por exemplo, algumas igrejas apresentam peças teatrais para homenageá-las e, no final do culto, ocorre uma pequena confraternização. Obtivemos que as Igrejas Evangélicas comemoram Natal, Ano Novo, casamentos, aniversário do templo. Esse último consiste numa das maiores festas das igrejas, às vezes são realizados em espaços maiores que o templo. São enviados convites para igrejas da mesma denominação situadas em outras cidades e os membros vêm em caravanas que incluem pastores, pregadores, cantores e membros em geral. Na Assembléia de Deus, em conformidade com as palavras de João Crente⁷², realiza-se, no final do ano, um culto das dez à meia-noite, encerrando com um jantar, amigo secreto, brincadeiras e sorteios.

Existem ainda eventos em ambientes abertos, como é o caso da tradicional Cruzada Evangelística “Carnaúba para Cristo” que é incluída no calendário de festividades imóveis da Assembléia de Deus. A Cruzada Evangelística é desenvolvida por boa parte das Igrejas Assembléia de Deus. Neste município o evento é realizado há mais ou menos quatorze anos e tem como objetivo “atrair a

⁷² Informações concedidas por João Paulino Dantas, no dia 04 mai. 2005.

população carnaubense para Cristo”⁷³. Acontece no dia 02 de novembro de cada ano, nas proximidades da Praça Caetano Dantas, cuja programação inclui leituras e pregações bíblicas, hinos de louvor a Deus e louvores pelos participantes. Os louvores são entoados por uma banda evangélica ao som de guitarra, baixo, teclado e bateria. A cruzada reúne um bom número de participantes evangélicos ou não, deste e de outros municípios.

Em épocas de carnaval ou eventos dessa natureza alguns evangélicos costumam participar de retiros e congressos que os façam “chegar cada vez mais perto de Deus”⁷⁴.

4. Trabalho como festa e descontração

Até inícios dos anos 80 do século XX, a agricultura era o principal meio de sobrevivência de boa parte das famílias carnaubenses. Aprender a trabalhar era uma das primeiras lições que os pais procuravam passar para seus filhos. Antes do completo nascer do sol, os filhos eram despertados para acompanhar seus genitores nas atividades do campo. As filhas também aprendiam a cumprir os afazeres do lar e algumas lições de bordado, renda, costura. E desse modo as pessoas iam crescendo mais hábeis nas artes braçais do que nas de leitura e escrita. A grande maioria dos narradores apontou o trabalho ao ser questionada a respeito do aprendizado na convivência com os pais ou sobre o aspecto mais marcante em sua infância. Inclusive, o Sr. Manoel Estevam que no alto dos seus 100 anos mostrou lucidez em seu depoimento-, ao ser questionado quanto ao que costumava fazer para se divertir nos finais de semana, respondeu: “Era trabalhar. No dia de trabalhar, era trabalhando.

⁷³ Informações concedidas por Vanira de Azevêdo Dantas, no dia 03 de jun. 2005.

⁷⁴ Informações concedidas por José Fernandes Dantas (atual pastor da Igreja Assembléia de Deus), no dia 04 mai. 2005.

Agora, dia santo, guardava!”⁷⁵ Essa dedicação que esses indivíduos eram estimulados a ter pelo trabalho crescia impregnada em suas mentes, a ponto de eles colocá-la em prática até quando se divertiam. É o caso das farras nas chouriçadas, nas casas de farinha e nas debulhas de feijão, por exemplo. Para muitos, o lucro que mais se buscava nesses trabalhos coletivos era o entretenimento.

As casas de produzir farinha de mandioca eram instaladas numa sala anexa à residência do seu proprietário, contavam com maquinários rudimentares de forma que o processo produtivo tornava-se praticamente manual. Em Carnaúba dos Dantas existiram pelo menos três desses aviamentos: o dos Azevedo (Sítio Carnaúba de Baixo)⁷⁶, o de Bento Florêncio (Sítio Lajedo) e o de Manoel Patrocínio (Manoel Ezequiel – Sítio Galo). Os produtores vinham de diversos pontos do município com cargas de mandioca transportadas através de jumentos, traziam também alguns membros da família ou mesmo trabalhadores para agilizar o serviço. Então, dava-se início ao processo da “desmancha”, como Irene de Professor, neta do proprietário da casa de farinha dos Azevêdo, explicou-nos:

Aí a gente trabalhava na casa de farinha, a gente rapava a mandioca, depois lavava, ia botar no rodete para moer, aí também peneirava a massa para fazer a farinha, torrava no forno e tirava a goma numa rede. Você armava uma rede, aí ali tirava a goma. Aquela mandipoeira ia juntando e a gente ia escorrendo, até ficar a goma. Aí quando a goma tava já enxuta, lachando, você tirava o sujinho dela e botava para secar.⁷⁷

⁷⁵ Depoimento concedido por Manoel Sabino de Medeiros (Seu Manuel Estevam, como era mais conhecido), no dia 29 de mar. 2005. Seu Manoel Estevam nasceu em 29/03/1904 e faleceu um mês e treze dias após a sua entrevista (12/05/2005). Segundo relatos, o velhinho centenário permaneceu lúcido até poucos instantes antes de sua viagem à eternidade.

⁷⁶ A casa de farinha dos Azevêdo funcionou de 1876 até a década de 70 do século XX (Dantas, 2001, p. 31). Foi a mais citada pelos depoentes e, ao se comparar com as outras duas mencionadas (a de Bento Florêncio Dantas e a de Manoel Patrocínio Dantas), constitui-se na casa de farinha mais antiga do município.

⁷⁷ Depoimento concedido por Irene Idia de Azevedo (Irene de Antonio Professor), doméstica residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 10 de fev. 2005.

As tarefas mais leves eram desenvolvidas pelas mulheres, aos homens cabiam os serviços que exigiam mais esforço braçal. Alguns desses trabalhadores eram contratados pelo proprietário da casa de farinha ou pelo dono da farinhada, outros iam voluntariamente, a fim de se divertir. Após a jornada de trabalho de cada dia, essas pessoas se reuniam para brincadeiras e rodas de conversas. O término das farinhadas sempre terminava em beiju e farra, como continuou Irene de Professor:

E a gente brincava muito num alpendre, muita moça, muito rapaz, botava um farol grande que lá em casa tinha, botava a lamparina e noite de lua a gente brincava demais na calçada de anel, de casamento oculto (...) e também de apresentação de drama. Era muito animada uma farinhada na casa do meu avô, muito! Só tinha casa de farinha lá. (...) vinham do Bico da Arara, vinham do Lajedo, tudo fazer farinhada lá. Bom demais, era uma festa!⁷⁸

Passando a falar sobre as debulhadas de feijão (macaçar), obtivemos que elas tinham início no mês de maio, quando os agricultores já haviam colhido em seus roçados boa parte de sua fatura. As pessoas, após cumprir suas tarefas diárias, dirigiam-se para a casa de um vizinho que tinha anunciado uma debulhada. As debulhadas consistiam em auxílio mútuo, num dia uma família ia ajudar nos trabalhos de uma casa, noutro o favor era retribuído. Havia aqueles que participavam do trabalho a fim de ganhar um pouco de feijão e os que compareciam apenas pela farra. As pessoas espalhavam o grande número de vagens de feijão das formas mais criativas para debulhá-las: dentro de uma rede (armada), ao redor da qual as pessoas sentavam em tamboretas; sobre um pano estendido no chão, circundado pelos debulhadores; sobre uma enorme mesa. Os organizadores da debulhada se preparavam previamente para receber as famílias que chegavam logo ao anoitecer. Colocavam o feijão no sol para secar e facilitar a debulha, bem como preparavam café, pamonha, canjica, bolo, melancia, batata, jerimum cozido, pipoca e

⁷⁸Idem.

outras comidas derivadas das lavouras. Alguns matavam até bodes ou ofereciam cana de cabeça, bebida muito apreciada na época. Entre uma vagem e outra, sob a luz do candeeiro ou farol, a farra acontecia: os mais experientes contavam histórias e anedotas; além de divertirem-se muito com as histórias, os rapazes e moças também aproveitavam a ocasião para as paqueras e as crianças brincavam com as palhas que se amontoavam por todos os lados, sobre as quais acabavam dormindo. Sobre essas farras, Dona Lilia comenta:

Nós íamos debulhar feijão lá em seu Francisco, nós e o povo de padrinho Zé Vitor, (...) nós vínhamos debulhar feijão lá nos Tanquinhos, lá no Xique-xique, a noite todinha. O salãozão bem grandão, cada uma ruma de feijão que encostava na telha. Mas, era uma festa, ele matava criação, era bom demais! Quando nós íamos para lá, nós íamos cedo, lá em casa, cada qual que fosse. Arrodeava de gente debulhando feijão. Menina, quando amanhecia o dia, debulhava até quase de manhã, era as ruma de feijão debulhado. Aí quando era na outra semana, já eles iam lá para casa de meu padrinho, era uma semana na casa de João Francisco, outra lá em padrinho Zé Vitor, era assim.⁷⁹

Mas, as debulhadas não se resumiam à zona rural, na cidade também havia, como nos contou D. Lourdinha de João Cabrinha:

Na minha casa, as debulhadas de feijão... meu pai reunia os amigos, que a maior parte já foi, (...) então nós brincávamos do lado da pedra [de Gambão] e a debulhada de feijão era do outro lado. Era imensa a quantidade de gente, os vizinhos já traziam os tamboretas de casa, para debulhar feijão até tarde (...).⁸⁰

Ainda se realizam debulhas de feijão tanto na cidade quanto na zona rural, mas o trabalho reúne basicamente os membros da família devido à queda na produção. Quanto às casas de farinha, essas já estão extintas. Por tais razões, as farras

⁷⁹ Depoimento concedido por Maria Amélia Oliveira (Dona Lilia), aposentada residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 21 de fev. 2005.

⁸⁰ Depoimento concedido por Maria de Lourdes Azevêdo (Lourdinha de João Cabrinha), professora residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 01 de fev. 2005.

nesses trabalhos coletivos permanecem quase somente na memória de quem as viveu.

5. Festas e ritos da vida privada voltados ao entretenimento

Viajando com carnaubenses em suas memórias conseguimos relembrar variadas formas de divertimento. A tradição oral mostrou que a maior parte desses eventos acontecia nos sítios. Essa realidade devia-se ao fato de, pelo menos até 1970, a quantidade de moradores na zona rural superar o número de residentes na urbana⁸¹. Uma dessas formas de entretenimento eram as cantorias que se realizavam nas casas ou fazendas. Esses eventos atraíam muita gente de diversos pontos do município e geralmente eram compostos por dois violeiros que esbanjavam criatividade em seus repentes e “pelejas” (versos improvisados que atacavam o companheiro). Quando as pessoas já estavam empolgadas com a cantoria, os violeiros lançavam versos “louvando-os”, a fim de que elas colocassem dinheiro ou objetos de algum valor em uma bandeja que eles deixavam no centro da sala. Ao passo que os indivíduos davam sua contribuição, os violeiros criavam outro verso agradecendo-os. No final, todos saíam ansiosos por participar de novas cantorias de tanto que se divertiam. Após a implantação de um motor para abastecer a iluminação pública, surgiram os serviços de difusoras⁸² na cidade que incluíam mensagens (aniversário, namorados), propaganda e avisos de utilidade. Uma dessas difusoras

⁸¹ A população urbana de Carnaúba dos Dantas só veio superar a rural no decorrer da década de 80, conforme “(...) dados populacionais do IBGE: 1950 (81% rural e 19% urbana), 1970 (57% rural e 43% urbana), 1980 (50% rural e 50% urbana), 1991 (30% rural e 70% urbana), 1996 (25% rural e 75% urbana), 2000 (24% rural e 76% urbana), em números redondos” (Dantas, 2001, p. 82).

⁸² Segundo Dalva Medeiros, existiram três difusoras em Carnaúba dos Dantas: a primeira ficava na Rua José Azevêdo, nº 51 (prédio onde funciona o ponto comercial de Noelma de Souza Silva), era controlada por padre Estanislau; a segunda instalou-se na Rua José Azevêdo, nº 33 (prédio onde hoje fica a Socfarma São José), tendo ela e Antônio Francisco dos Santos como controladores; e a terceira localizava-se no bar da Praça Caetano Dantas, onde ela trabalhava só.

era controlada por Antônio Francisco dos Santos (Toinho de Bolinho) e Dalva Medeiros (Dalva de Lula). Nos finais de semana era uma opção a mais para as pessoas, como nos conta Maria de Carlinda:

Num tinha pracinha, a gente passeava nas ruas da cidade, assim, tinha duas ruas que a gente passeava (...). Ia por uma rua e voltava pela outra. (...). Sim, tinha a difusora! (...) a luz (...) era puxada a motor, num era luz elétrica de Paulo Afonso, (...) a gente ficava passeando e escutando a difusora tocar. Rapaz botava para moça uma gravação, oferecia àquela moça e assim por diante. E fazia bingo também!⁸³

Antes era costume algumas pessoas organizarem forrós ou sambas nas suas casas, era difícil um final de semana que não houvesse uma dessas atrações, as quais quase sempre ocorriam na zona rural. Na cidade, um dos forrós mais citados foi o que havia na casa de Mãe Negrinha que, ao contrário dos bailes, era aberto a todos que desejassem participar da festa⁸⁴. Muitos pais proibiam suas filhas de participarem dessas festas, mas algumas eram bem espertas e davam um jeitinho de mostrarem-se “obedientes” aos olhos paternos e, ao mesmo tempo, atender às vontades próprias. É o caso de Da Paz de Ataíde que afirmou: “Ia escondida! (...) quando ele adormecia aí a gente ia, que quando era para chegar [em casa], tirava a sandália para não fazer zoadá que era para ele não acordar”⁸⁵. Os espaços em que se dançava variavam entre salas, alpendres e terreiro, nesse último caso, o chão era ladrilhado com barro, por isso, no período do inverno não se realizavam. As músicas

⁸³ Depoimento concedido por Maria Dantas (Maria de Carlinda), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 12 de mar. 2005.

⁸⁴ A sra. Neusa Selene Dantas mencionou em seu depoimento que, há muito tempo, em dias de festa, as pessoas se reuniam na casa onde ela mora hoje (Rua José Matias, nº 128) para dançar e beber. Disse ainda que outro lugar onde ocorria esse evento era na casa que hoje pertence a Chica de Cipriano, na rua Antônio Azevêdo. Na época, a casa era de propriedade de uma senhora conhecida por Bibi de Chico Geraldo, que inclusive era quem cantava durante o evento. (Depoimento em 02 de fev. 2005).

⁸⁵ Depoimento concedido por Maria da Paz de Medeiros (Dapaz de Ataíde), auxiliar de farmácia residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 22 de fev. 2005.

eram apenas instrumentais, ao som de sanfona, violão e/ou pandeiro cujos ritmos variavam entre forró, samba, baião, xote, bolero e valsa. A entrada no forró era gratuita, mas se o rapaz quisesse dançar tinha que pagar a “cota”, sendo identificado com uma fita presa ao bolso, aqueles que não pagavam, tinham que ficar recolhidos aos cantos de parede para não tumultuar o salão de dança⁸⁶. As mulheres eram dispensadas da cota, mas em compensação tinham que dançar com todos os “cavaleiros” que a convidassem, senão o “sururu” estava feito, como podemos ver através das palavras de Edvaldo (mais conhecido por Eduvaldo):

Naquele tempo a pessoa tinha aqueles forró no sítio, aí se você pega uma moça– que tinha que dançar com todo mundo, que num pagava, só quem tinha que pagar era os homens, né? – Aí se você tirasse [a moça] para dançar, se não fosse e se outro viesse tirar, daí aquele caba tomava, brigava, né? Hoje em dia você [moça] paga a festa, você [moça] dança com quem quer, né?⁸⁷

As pessoas só dançavam em par, nem sempre em casal, pois havia maridos que não queriam dançar e as mulheres dançavam com amigas. Também na dança havia proibição dos pais para com as moças, Lourdes de Antônio de Neco sofreu com uma situação inusitada: “(...) nós tava dançando, mãe chegou e puxou nós pelos os cabelos, que pai queria ser muito direito, num queria que nós dançasse, puxou pelos cabelos, botou para casa e levamos uma pisa muito grande”⁸⁸. Além dos recursos arrecadados com a dança, os organizadores da festa obtinham lucros com a venda de bebidas e tira gosto.

6. E agora que nosso ritual chega quase ao fim...

⁸⁶ Informações concedidas por Manoel Lúcio de Macêdo Neto, no dia 20 mai. 2005.

⁸⁷ Depoimento concedido por Edvaldo Pereira de Castro (Eduvaldo), residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 28 de fev. 2005.

⁸⁸ Depoimento concedido por Maria de Lourdes da Silva, em 02 de fev. 2005.

Percebemos que é muito forte a relação entre os seres humanos e entes sobrenaturais, cuja relação se traduz em ritos praticados individualmente ou em coletividade. Esses ritos coletivos expressam o quanto o viver das pessoas é marcado por celebrações. Vimos que as pessoas vinculam ao trabalho e, até mesmo, às celebrações sagradas, festas e ritos voltados ao entretenimento. As festas se relacionam a variados aspectos, mas boa parte delas, em Carnaúba dos Dantas, ligam-se essencialmente à religião, embora nem sempre elas sejam criadas pelas igrejas, mas pela sociedade civil. Atualmente, a sociedade carnaubense está dividida entre duas religiões cristãs que seguem doutrinas diferentes: a Católica Romana e a Evangélica.

O número de indivíduos que se reúne para realizar trabalhos coletivos buscando basicamente a descontração, reduziu consideravelmente. Hoje, busca-se mais o lucro. A vida simples das pessoas de tempos passados talvez fosse o que as proporcionasse tanta diversão com tão pouco. Naquele período em que o sertanejo dormia cedo e levantava-se pela madrugada para desenvolver as tarefas do campo. Histórias de uma época que não volta mais, lembranças nostálgicas de tempos que, ainda hoje, resistem ao moderno nas memórias e nos pequenos gestos dos carnaubenses.

Fontes orais

1. Ana Lucas Dantas (Dona Naninha Lucas), Carnaúba dos Dantas, RN
2. Antônio Afonso de Azevedo (Tota Azevedo), Carnaúba dos Dantas, RN
3. Aurisci Medeiros Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
4. Auta Rodrigues de Carvalho (Dona Auta), Carnaúba dos Dantas, RN
5. Dalva Medeiros, Carnaúba dos Dantas, RN

6. Dolores Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
7. Edvaldo Pereira de Castro, Carnaúba dos Dantas, RN
8. Francisca de Assis Batalha Macêdo, Sítio Carnaúba de Baixo, Carnaúba dos Dantas, RN
9. Francisca de Jesus Santos (Chiquinha Baeta), Carnaúba dos Dantas, RN
10. Irene Idia de Azevedo (Irene de Antonio Professor), Carnaúba dos Dantas, RN
11. João Paulino Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
12. José Fernandes Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
13. Josefa Delmira Dantas (Zefa de João Claudiano), Carnaúba dos Dantas, RN
14. Lúcia Medeiros Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
15. Manoel Lúcio de Macêdo Neto, Sítio Carnaúba de Baixo, Carnaúba dos Dantas, RN
16. Manoel Sabino de Medeiros (Seu Manuel Estevam), Carnaúba dos Dantas, RN
17. Maria Amélia Oliveira (Dona Lilia), Carnaúba dos Dantas, RN
18. Maria da Paz de Medeiros (Dapaz de Ataíde), Carnaúba dos Dantas, RN
19. Maria Dantas (Maria de Carlinda), Carnaúba dos Dantas, RN
20. Maria de Lourdes Azevêdo (Lourdinha de João Cabrinha), Carnaúba dos Dantas, RN
21. Maria de Lourdes da Silva, Carnaúba dos Dantas, RN
22. Maria de Lourdes Dantas (Maria de Lourdes do Quarenta), Carnaúba dos Dantas, RN
23. Maria Desidéria de Medeiros (Dona Desinha), Carnaúba dos Dantas, RN
24. Maria Gorete Azevêdo (Gorete Azevêdo), Carnaúba dos Dantas, RN
25. Neusa Salene Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
26. Nilda Medeiros Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
27. Paulo Medeiros, Carnaúba dos Dantas, RN

28. Terezinha Azevêdo Lucas (Dona Terezinha)
29. Valdeci Silva Santos dos Anjos (Dona Valdeci), Carnaúba dos Dantas, RN
30. Vanira de Azevêdo Dantas, Carnaúba dos Dantas, RN
31. Wilton Dantas de Souza, Carnaúba dos Dantas, RN

Referências

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira: sentidos de festejar no país que “não é sério”**: 1998. Tese [Doutorado em Antropologia Social] - Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 27 de fev. 2005.

AZEVÊDO FILHO, Antonio. **Livro de Assento** (anos 10 à 50 do séc. XX); manuscrito. Sítio Carnaúba [de Baixo], acervo particular de Irene Ídia de Azevêdo [filha].

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do Patrimônio Imaterial dentre outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaBasica.action>>. Acesso em 11 de jun. 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1979.

CAVIGNAC, Julie. Festas e penitências no sertão. **Vivência**. Natal, v. 13, n. 1,

jan../jun. 1999. p. 39-54.

DA MATTA, Roberto . Os caminhos para Deus. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

DANTAS, Maria da Paz Medeiros. **Desvendando o viver nas fazendas dos Azevedo: Carnaúba dos Dantas (1870-1940)**, 2001. 96 p. Monografia (Especialização em História do Nordeste) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2000.

DANTAS, Maria Isabel. **Do Monte à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias**. 2002. 206 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

DIOCESE DE CAICÓ. **Manual do movimento das capelinhas: tudo a Jesus por Maria**. Parelhas: Gráfica Vilar, 2002. 23 p.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. Festa e religiosidade. **Revista Vivência**. Natal, EDUFRN, vol. 13, n. 1, jan./jun. 1999, 31-8 p.

MEDEIROS, Bianor. **Tempo de Menino**. Natal, Clima. 1986.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In. SOUZA, Laura de Mello e (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo, Companhia das Letras. 1977. 155-220 p.